



“Façam-nos calar vocês”: a luta das mulheres contra o autoritarismo em Isabel Allende

Maria Dariana de Lima Bessa¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como proposta discutir e refletir sobre literatura de autoria feminina em tempos de autoritarismo e repressão, tendo como foco a escritora chilena Isabel Allende (1942). Analisamos o percurso histórico que impedia as mulheres de serem portadoras do saber, além de investigar como as escritoras latino-americanas ganharam visibilidade e começaram a produzir mais. Também será explorada a relação de Isabel Allende com as lutas feministas e de oposição ao regime ditatorial chileno. Por fim, examinaremos algumas personagens femininas em duas obras da autora - *A Casa dos Espíritos* (1982) e *De Amor e de Sombra* (1984). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental. Alguns estudos que dialogamos foram os de Valdés (1987), Anderson (1995), Perrot (2005), Wolff (2009) e Guardia (2013). A relevância desta pesquisa reside na necessidade histórica das mulheres serem ouvidas, lidas e estudadas. Assim, contribui para as áreas de estudos interdisciplinares entre história e literatura; pesquisas de gênero e autoria feminina.

Palavras-chave: Perspectiva Feminina. Ditadura Militar. Isabel Allende.

“Make us silence you”: the struggle of women against authoritarianism in Isabel Allende

ABSTRACT

This research aims to discuss and reflect on literature by female authors in times of authoritarianism and repression, focusing on the Chilean writer Isabel Allende (1942). We analyze the historical trajectory that prevented women from being knowledge bearers, and investigate how Latin American women writers gained visibility and began to produce more. Isabel Allende's relationship with the feminist struggles and her opposition to the Chilean dictatorship will also be explored. Finally, we will examine some female characters in two of the author's works - *The House of the Spirits* (1982) and *Of Love and Shadow* (1984). The research adopts a qualitative approach, characterized by bibliographic and documentary methods. Some of the studies we engage with are those by Valdés (1987), Anderson (1995), Perrot (2005), Wolff (2009), and Guardia (2013). The relevance of this research lies in the historical need for women to be heard, read and studied. Thus, it contributes to interdisciplinary studies between history and literature; gender research and female authorship.

Keywords: Feminine Perspective. Military Dictatorship. Isabel Allende.

¹ Graduada em História e Mestranda em História e Letras pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Letras, FECLSC/UECE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0416671968078676>. E-mail: darianabessa777@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0706-7564>.



1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo as mulheres foram silenciadas, suas narrativas foram omitidas da história oficial, em que os homens eram as figuras dominantes. Elas viviam sob as sombras dos maridos, pais e irmãos. Seguiam as regras e os papéis destinados pela sociedade tradicional, sexista e opressiva. Segundo Chartier (1998) - ao falar sobre a história do livro e das práticas de leituras -, a leitura das mulheres por bastante tempo foi controlada também, sendo necessário a mediação de um clero para evitar interpretações erradas.

O discurso falocêntrico colocava o homem como o detentor do conhecimento, e apenas estes deveriam cumprir esse papel. Assim, as mulheres seriam consideradas perigosas por possuírem o saber que era destinado aos homens. A escritora Virginia Woolf, em *Um Teto Todo Seu* (1929), critica essa sociedade patriarcalista e machista que nega o acesso à educação e aos livros para as mulheres - a autora faz um chamamento para lutarem pela sua independência e romperem com o silêncio através da educação e da escrita.

Woolf (2014) exemplifica com algumas cenas revoltantes sobre a situação das mulheres, durante o século XX, mesmo com a obtenção de algumas conquistas, como o direito ao voto, as mulheres tinham/ tem muito para conquistar - principalmente quando levamos em consideração fatores como raça e classe. Ao passear pela universidade fictícia Oxbridge (possível referência às universidades *Oxford* e *Cambridge*), foi repreendida pela expressão horrorizada de um funcionário por estar andando na grama, um lugar destinado aos alunos e professores, e não para mulheres - “O cascalho era o meu lugar” (WOOLF, 2014, p.15). Outro exemplo, é quando foi impedida de entrar na biblioteca por ser mulher - precisava ser acompanhada pelos “seres de luzes”, os alunos homens, ou de uma carta de apresentação.

A escritora Ursula K. Le Guin, em *Contar es Escuchar* (2017)², tece uma crítica similar a biblioteca de *Widener* de *Harvard*, teve o acesso permitido a contragosto por ser uma aluna do primeiro ano, mas principalmente por ser mulher. Para ela, liberdade é: “Liberdade é acesso às estantes da biblioteca *Widener*” (LE GUIN, 2017, p.33)³.

Guardia (2013) defende que o objetivo da história deve ser entender também o lado dos que foram silenciados, dos grupos marginalizados e oprimidos por uma história dos grandes vencedores - as mulheres estão inseridas nesse processo. Portanto, é necessário ler o que as

² O original é *The wave in the mind*, publicado em 2004.

³ Tradução livre da edição em espanhol: “*La libertad es el acceso a los estantes de la biblioteca Widener*” (LE GUIN, 2017, p.33).



mulheres escrevem, e não o que os homens falam sobre elas, refletindo e discutindo sobre suas críticas à sociedade tradicional e sobre os seus silêncios nos textos. Dessa forma, podemos substituir os discursos falocêntricos e dar voz às narrativas escritas pelas mulheres e sobre elas (GUARDIA, 2013).

Assim, ter narrativas historiográficas ou literárias escritas por mulheres é uma conquista de identidade, pela possibilidade da escrita e por um espaço que deve ser conquistado também, pois era os homens donos de suas histórias e criadores de estereótipos (OLIVEIRA, 2018). De acordo com Perrot (2005), as mulheres exerceram o poder que podiam em diferentes épocas, longe de serem resumidas apenas como vítimas ou passivas:

Em uma sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres exerceram, entretanto, todo o poder possível. As mulheres do século 19 - e provavelmente em todos os tempos - não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboraram, às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes (PERROT, 2005, p. 273).

A freira mexicana Sórora Juana Inés de la Cruz exemplifica isso, é considerada uma das precursoras da escrita feminina latino-americana. Por meio de seus escritos (prosa e poesia) questionava o lugar designado para as mulheres naquela sociedade e reforçado pela igreja. Defendia que as mulheres deveriam ter acesso à educação, a exercer sua intelectualidade, criatividade e sensibilidade. Existiram muitas outras monjas escritoras, mas que foram controladas e silenciadas pelas autoridades religiosas (GUARDIA, 2013).

O silêncio das mulheres escritoras e leitoras começa a ser rompido no século XIX, mas é no século XX que temos uma quebra da hegemonia masculina⁴. Na literatura latino-americana, a partir da década de 70 e 80, as mulheres escritoras são as protagonistas. Inseridas no chamado *pós-boom* latino-americano, possuindo uma linguagem mais voltada para a coloquialidade, trazendo aspectos testemunhais e subjetivos nos seus escritos e temáticas históricas (SERRÃO, 2013). Rompem com a dominância masculina do *boom* latino-americano, imortalizado pelo nome de Gabriel García Márquez. De acordo com Serão (2013):

Ao *Boom* destinam-se o intelectualismo, o experimentalismo estético, as discussões sociopolíticas, uma proposta revolucionária que subjaz às obras e, por isso, só nomes de escritores romperam as barreiras de além-mar e conquistaram o reconhecimento não só na Europa mas também em todo o mundo. Porém, ao pós-Boom reserva-se a linguagem coloquial, permite-se a construção de personagens e temas considerados

⁴ É importante pontuar que no período Entreguerras e na Revolução Russa as mulheres quebraram os diversos padrões impostos a elas, tanto nas vestimentas, moda e outras condutas consideradas inadequadas.



“marginais”, considerados próprios dos universos dos homossexuais, das prostitutas, das mulheres... (SERÃO, 2013, p. 108).

Essas mulheres foram influenciadas pelas lutas e reivindicações do movimento feminista, além de muitas se posicionarem por meio da sua escrita contra os regimes ditatoriais que estava acontecendo na América Latina. É o caso da escritora Isabel Allende (1942), em que suas obras se inserem no *pós-boom*, manifestando sua escrita transgressora para denunciar a opressão das mulheres em sociedades patriarcais e sexistas. Trazendo, em muitas obras, a contextualização histórica da ditadura chilena (1973-1990), como é o caso das analisadas por nós - *A Casa dos Espíritos* (1982) e *De Amor e de Sombra* (1984). Mas a autora se aventura no Novo Romance Histórico também, por exemplo em *Inés de Minha Alma* (2007) e *A Ilha Sob o Mar* (2009).

Dessa forma, objetivamos analisar algumas mulheres dentro dessas obras de Isabel Allende, inseridas durante o contexto da ditadura chilena e do movimento feminista chileno, destacando a escrita transgressora da autora e o rompimento do silêncio das mulheres protagonistas em seus escritos.

2 “DEMOCRACIA NO PAÍS E EM CASA”: MULHERES E DITADURA MILITAR

2.1 A formação feminista de Isabel Allende

A escritora nasceu em 1942, no Peru, mas com o abandono do pai foram para o Chile buscar refúgio na casa dos avós. Ela conta que isso ficou marcado na sua vida, gerando uma revolta interna contra a “autoridade masculina”:

Não exagero ao dizer que fui feminista desde o jardim de infância, antes que o conceito fosse conhecido em minha família (...). Acredito que minha rebeldia contra a autoridade masculina teve origem na situação de Panchita, minha mãe, abandonada pelo marido no Peru com dois filhos pequenos e um recém-nascido nos braços. Isso obrigou Panchita a pedir refúgio na casa dos pais, no Chile, onde passei os primeiros anos da infância (ALLENDE, 2020, p. 1).

Além disso, a única pessoa da família paterna que manteve contato foi Salvador Allende, primo do seu pai. Ele vai se tornar uma figura importante na sua vida, já que anos depois se exila por ter o nome “Allende” e por fazer parte da Unidade Popular - partido de Salvador Allende que assumiu a presidência do Chile, o seu governo ficou marcado pela implantação do socialismo por vias democráticas, em que inúmeros operários o apoiaram e outras classes marginalizadas, até o próprio Fidel Castro.



Mas Salvador Allende foi fortemente combatido e fizeram de tudo para acabar com o seu governo, assim, os EUA financiou vários movimentos para a derrubada do governo chileno de cunho socialista, pois temiam a perda de sua hegemonia e o avanço do comunismo. A ditadura de Pinochet foi um deles, em que tomaram o palácio de *La Moneda* de forma violenta e assassinaram Salvador Allende (mesmo que a arma estivesse em sua mão).

Isabel Allende, em *Meu País Inventado* (2003), conta que as mulheres chilenas de direita contribuíram pelo golpe também. Segundo Power (2014), tais mulheres estavam conectadas com outras ligadas aos setores conservadores norte-americanos e brasileiros também, cuja luta contra o comunismo compartilhavam. Ela cita um dos movimentos feministas mais importantes do período, Mulheres pela Vida, que durante a ditadura desempenharam um papel forte para combater o golpe, “mas depois das eleições decidiram dissolver o movimento. Mais uma vez, cederam o seu poder aos varões” (ALLENDE, 2003, p. 21).

Allende deixa claro o seu posicionamento feminista e crítico em todas as suas obras, advogando em favor das mulheres e trazendo importantes discussões sobre a opressão e submissão que as mulheres são submetidas, sendo necessário que estas lutem por elas mesmo, e quebrarem os padrões sexuais e dos estereótipos do que é considerado feminino - por muito tempo consideraram as mulheres “sentimentais demais”, “delicadas demais”, “sexo frágil”.

Ela discute isso também, sobre o que é considerado o comportamento adequado e esperado de uma mulher, conta que sua mãe considerava o caráter obstinado e desafiador dela como uma patologia: “O caráter obstinado e desafiador, aprovado em meus irmãos como condição essencial da masculinidade, em mim era uma patologia. Não é quase sempre assim? Às meninas é negado o direito de irritar-se e bater o pé” (ALLENDE, 2020, p. 8).

É com esse caráter obstinado que ela começa sua vida como jornalista, na revista Paula, posteriormente sua filha seria chamada assim. Trabalhou na revista durante os anos de 1967 a 1974, publicando artigos e entrevistas com uma boa dosagem de humor e de crítica social. Possuía uma coluna chamada *Civilice a su Troglodita* (“Civile seu Troglodita”) que pretendia com ironia satirizar o machismo, outros artigos que geraram polêmica na época foi “Entrevista com uma mulher infiel” e “A Coragem das Mães Solteiras”. Para Isabel (2020):

Havia centenas de tabus que desejávamos derrubar nas páginas da revista e que diziam respeito diretamente às mulheres: sexo, dinheiro, leis discriminatórias, drogas, virgindade, menopausa, anticoncepcionais, alcoolismo, aborto, prostituição, ciúmes etc. Questionávamos conceitos sagrados, como a maternidade, que exigia sacrifício e abnegação total de um único integrante da família, e ventilávamos segredos como a



violência doméstica e a infidelidade feminina, da qual nunca se falava, pois era assunto privativo dos homens (...) (ALLENDE, 2020, p. 32).

A revista registra as discussões e pautas que as mulheres latinas estavam fazendo, e nos anos 70 fica mais forte com a segunda onda do movimento feminista (algumas das principais representante é Julieta Kirkwood e Teresa Valdés). O ressurgimento do feminismo chileno está ligado com os setores de esquerda e com raízes socialistas, emergindo grupos de mulheres como oposição à ditadura de Pinochet e a sociedade conservadora. As mulheres se organizam, na ausência de partidos políticos e outras entidades que foram silenciadas pela ditadura, são as primeiras a saírem pelas ruas pedindo respeito aos direitos humanos e pedindo informações sobre os desaparecidos durante a período ditatorial (TOBAR; CATALÁN; CAVIEDES, 2003).

O movimento feminista chileno ressurge com força, após um longo silêncio que tiveram com a conquista do voto em 1948. O lema que invade as ruas contra a opressão patriarcal e ao autoritarismo é: “Democracia no país e em casa”. As mulheres sentiam-se representadas por esse lema, pois a sociedade conservadora chilena e a ditadura pregava que o lugar delas era cuidado da família e do lar (GOMES, 2022).

Dois pontos importantes que Isabel coloca é que não há feminismo sem briga e sem independência financeira, algo que dialoga com Virginia Woolf.

E em que consiste meu feminismo? Não é o que temos entre as pernas, mas, sim, entre as duas orelhas. É uma postura filosófica e uma sublevação contra a autoridade do homem. É uma maneira de entender as relações humanas e de ver o mundo, uma aposta na justiça, uma luta pela emancipação de mulheres, gays, lésbicas, queer (LGBTQ+), de todos os oprimidos do sistema e dos que queiram somar-se (ALLENDE, 2020, p. 15).

Quando publicou o seu primeiro livro, *A Casa dos Espíritos* (1982), encontrou rejeição inicialmente. Mas conseguiu publicar com ajuda de uma mulher, Carmen Balcells, uma importante agente literária que conseguiu a publicação do seu livro na Espanha e em outros países. Para Isabel, a aceitação do livro dela foi uma surpresa, porque o mercado editorial do *boom* latino-americano era composto por homens.

Recebeu muitas críticas, principalmente pelos críticos chilenos, o escritor Roberto Bolaño disse que ela era uma escritora ruim sem nunca ter lido um livro dela (ALLENDE, 2020). O conselho de Balcells permanece na sua vida: “(...)você será duramente julgada, porque nas mulheres ninguém perdoa o sucesso; escreva o que quiser, não permita que ninguém se meta em seu trabalho nem com seu dinheiro” (ALLENDE, 2020, p.66).



Isabel Allende tornou-se um sucesso editorial, uma das mais vendidas da América Latina. Tornando-se importante para a visibilidade de outras escritoras latinas, além das discussões que traz em suas obras, em que as mulheres são as protagonistas e reivindicam por mais espaço em sociedades patriarcais.

2.2 Mulheres e ditadura chilena em “De amor e de Sombra”

De amor e de sombra (1984), é o segundo romance de Isabel Allende, ainda com resquício do realismo maravilhoso. Narra a história de Irene Beltrán, uma jovem burguesa que trabalha em um jornal, e do jovem Francisco Leal, de uma família pobre e com ideais anarquistas, que faz parte do movimento de resistência contra a ditadura de Pinochet e trabalha como fotógrafo no mesmo jornal de Irene. Temos uma trama envolta de muitos outros personagens secundários que tentam subverter a ordem. Irene e Francisco tentam desmascarar a ditadura para o mundo e para a sociedade chilena. Em que viviam na inércia de que estava tudo bem, enquanto isso, o governo do general Pinochet prendeu, sequestrou e assassinou todos considerados de oposição e subversivos.

Tendo como cenário a ditadura militar chilena (1973-1990), o golpe se deu com a tomada do palácio *La Moneda*, onde o presidente Salvador Allende misteriosamente cometeu suicídio — é pertinente enfatizar que os EUA financiaram a atuação desses regimes autoritários, usando da justificativa de que deviam conter a “ameaça vermelha”, o comunismo. O governo chileno ficou nas mãos do general Pinochet, responsável pela implantação de medidas conservadoras e neoliberais que ocasionaram em uma série de desigualdades sociais e pobreza para os chilenos, gerando consequências ainda hoje.

Reprimindo a oposição com o exílio forçado, a tortura e prisão — inclusive, o Estádio Nacional do Chile foi utilizado como prisão e matadouro para opositores políticos, sendo onde o cantor Victor Jara foi fuzilado, depois de ser torturado. A Diretoria de Inteligência Nacional (DINA), a polícia secreta de Pinochet, era o aparato repressivo que controlava qualquer atividade considerada subversiva (HOLTON; AUSTIN, 2007). Além das fortes ideias conservadoras difundidas, capazes de reprimir as mulheres em seus lares, oprimir e classificar os homossexuais como imorais, teve também uma forte censura da arte e da cultura.

Para a camada burguesa, aristocrática e conservadora chilena o golpe militar era visto com bons olhos, tanto por combater o comunismo como também pelo suposto “milagre econômico” chileno. Em que favorecia a pequena minoria rica, enquanto para a grande maioria



pobre que era composto pela classe operária era desfavorável. O historiador Perry Anderson (1995) fala o seguinte sobre a experiência neoliberal implantada no Chile:

O Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos (...) a economia chilena cresceu a um ritmo bastante rápido sob o regime de Pinochet, como segue fazendo com a continuidade da política econômica dos governos pós-Pinochet dos últimos anos (ANDERSON, 1995, p. 9-10).

Dessa forma, a inércia e ignorância de Irene Beltrán sobre o que estava acontecendo no país durante a ditadura militar, representa como a ditadura era vista sob a ótica da camada conservadora da época. A própria mãe de Irene, Beatriz Alcántara, mesmo estando arruinada financeiramente, fez de tudo para manter a postura burguesa (apoiava o casamento da filha com o capitão do exército, Gustavo Morante, considerava-o salvador da família, pois os militares estavam ocupando uma posição de prestígio. Enquanto isso, não concordava com a amizade de Irene com Francisco Leal por ser um jovem pobre e imigrante espanhol).

Ela fazia parte do grupo de mulheres de direita que foi favorável ao golpe, como já mencionamos:

Como tantas outras durante o Governo anterior, também Beatriz Alcántara tinha saído à rua batendo panelas em sinal de protesto. Foi favorável ao golpe militar porque lhe parecia mil vezes preferível a um regime socialista e, quando lançaram o bombardeamento aéreo contra o velho Palácio dos Presidentes, abriu uma garrafa de champanhe para celebrar (ALLENDE, 2019, p. 186).

O protesto que Beatriz fez parte, provável ser referência da autora, é a marcha de milhares de mulheres chilenas pelas ruas de Santiago contra o presidente Salvador Allende, “acenando com panelas vazias e cantando slogans anti-Allende” (POWER, 2014, p. 78). A “marcha das panelas vazias” aconteceu em 1º de dezembro de 1971, justamente quando Fidel Castro estava no Chile.

As mulheres de direita foram organizadas pelo “Poder Feminino” - uma organização feminina financiada pelos EUA -, protestavam contra a suposta escassez de alimento, contra a presença do Fidel Castro e sugerindo que o socialismo ou comunismo só trazia fome. O presidente cubano, então, direciona um discurso para as mulheres de esquerda chilena, para saírem da inatividade e irem às ruas também, mas o presidente Salvador Allende dissolveu o movimento por medo de conflitos entre os civis (ALVES; SOARES, 2021).



As ideias conservadoras e a censura na ditadura chilena faziam com que os jornais só mostrassem coisas favoráveis ao governo, nunca discordando. Poucos dos avanços que as mulheres estavam conquistando, estavam sendo negados:

Usavam todas as cores do arco-íris sobre papel acetinado, capas onde sorriam rainhas da beleza com pouca roupa e atrevidas reportagens feministas. No entanto, devido à censura dos últimos anos, punham tarjas negras sobre os seios nus e empregavam eufemismos para designar conceitos proibidos, como aborto, cu e liberdade (ALLENDE, 2019, p.36).

As mulheres chilenas permaneceram inseridas na organização da sociedade tradicional e patriarcal na América Latina, em que deveriam permanecer nos espaços privados-domésticos, reproduzindo força de trabalho e cuidando do marido. A mulher era submissa ao homem, como comprovado na legislação civil chilena de 1855, era dever dela ser obediente ao marido, era considerada incapaz de cuidar dos seus próprios bens materiais, por isso o marido tinha a função de protegê-la (VALDÉS, 1987).

Durante a ditadura militar foi investido uma campanha ideológica e conservadora para as mulheres, sendo consideradas as “salvadoras da pátria”, tinha importante missão da renovação espiritual do país e transmissão dos valores morais e espirituais do regime. Deveriam ser “boas esposas” e “boas mães”, seguindo o modelo da esposa de Pinochet (VALDÉS, 1987).

A postura de Irene Beltrán também andava em desacordo com a sociedade patriarcal, não desejava se casar e tinha um espírito livre. Até o próprio Francisco, com ideias progressistas, de anarquismo e luta contra as injustiças, desejava que Irene fosse virgem (andando de acordo com o pensamento das ideias conservadoras também):

Um dia, sem conseguir reprimir as palavras, cometeu a asneira de perguntar à jovem quais eram os limites da sua intimidade com o Noivo da Morte. Ela riu-se até mais não poder. Não vais pensar que sou virgem na minha idade, respondeu, sem lhe deixar sequer o benefício da dúvida (ALLENDE, 2019, p. 77).

Irene Beltrán ao tomar conhecimento das atrocidades cometidas durante a ditadura, principalmente quando vai investigar sobre o sumiço da adolescente Evangelina Ranquileo que teria sido levada pelos militares. Utilizando de sua posição social e por ser noiva de um militar, consegue reunir algumas informações junto com Francisco sobre o paradeiro da menina e de outros presos. Evangelina é encontrada em uma caverna, morta e com sinais de agressão, junto estava vários outros corpos de pessoas assassinadas.

A resistência tentou articular uma rede para difundir as provas dos crimes em diferentes lugares, para evitar a censura e repressão. Mesmo tendo mobilizações e resistência,



a ditadura ainda conseguiu persistir e conseguiu silenciar as provas. Assim, a missão é dada a outra pessoa e fora do país, a Evangelina Flores (irmã de Evangelina que foi assassinada):

Evangelina Flores foi arrancada das garras da repressão e levada para fora do país nas sombras da noite. Tinha uma missão a cumprir. Nos anos seguintes esqueceu os campos serenos onde nasceu, e foi pelo mundo denunciando a tragédia da sua pátria. Apresentou-se na Assembleia das Nações Unidas, em conferências de imprensa, em debates de televisão, em congressos, em universidades, por toda a parte, para falar dos desaparecidos e para impedir que o esquecimento apagasse esses homens, mulheres e crianças tragados pela violência (ALLENDE, 2019, p. 204).

2.3 Luta e Repressão em “A Casa dos Espíritos”: o caso da personagem Alba

A obra *A Casa dos Espíritos* é inserida dentro do Realismo Maravilhoso, em que temos a presença da normalização do insólito. Acompanhamos a geração de três mulheres (Clara, Blanca e Alba) pertencentes a uma mesma família e que são transgressoras, cada uma na época. Frente a uma sociedade patriarcal e desigual, elas mostram as suas críticas e os seus posicionamentos. A saga da família del Valle, pertencentes a uma classe burguesa, é compartilhada com a família Trueba por meio do casamento entre Clara del Valle e Esteban Trueba.

Sendo acompanhados por um grande período histórico, percebemos que Esteban personifica todos os preconceitos e machismo da sociedade chilena - ao conquistar uma posição mais elevada, com o sucesso da fazenda *Las Tres Marías*, passa a governar com mãos de ferro, oprimindo os seus trabalhadores e estuprando as mulheres, principalmente as virgens. Mostrando ser obsessivo, ciumento e violento com Clara, e depois com sua filha Blanca - apaixonou-se pelo filho de um dos trabalhadores da fazenda, mas que estava carregado de ideias marxistas e de luta por justiça. E desse relacionamento proibido, tem-se uma filha chamada Alba, é uma das narradoras que resgata o livro de vida da avó.

Alba estuda filosofia e música, ao se apaixonar por Miguel - um jovem marxista e depois guerrilheiro - começa a frequentar mobilizações sociais e protestos. Quando o país passava por uma escassez de alimentos, por culpa dos vários projetos norte-americanos e dos conservadores de acabar com o governo de Salvador Allende, Alba roubava comida da sua casa e enviava para os necessitados. Quando o golpe é instaurado, Esteban e todos os conservadores comemoraram. Alba revolta-se com a postura do avô, quebrando sua taça que estava brindando a vitória do novo regime: “Não vamos celebrar a morte do presidente nem a dos outros, vovô!” (ALLENDE, 2023, p. 385). Ela tem um importante papel durante a ditadura militar:



Desde os primeiros dias a maior urgência foi esconder os que corriam perigo de morte. A princípio isso pareceu a Alba uma ocupação quase divertida, que lhe permitia manter o pensamento noutras coisas e não pensar em Miguel, mas logo verificou que não era brincadeira nenhuma. Os éditos avisavam os cidadãos de que deviam denunciar os marxistas e entregar os fugitivos, ou então seriam considerados traidores à pátria e julgados como tal (ALLENDE, 2023, p. 392).

Escondia todos os que corriam perigo de morte e deixava-os em lugares seguros. Ajudou doando alimentos para as famílias dos desaparecidos e presos políticos também, bem como dos desempregados. A atuação de Alba é um exemplo da cooperação de muitas entidades e pessoas durante a ditadura. Segundo Valdés (1987), muitas mulheres começaram a se organizarem em *Agrupaciones de Familiares de Víctimas de la Represión* (presos políticos, exilados, executados políticos, detidos ou desaparecidos), era uma forma de ajudar uma as outras a satisfazer às necessidades mais urgentes para a manutenção da família, contaram com auxílio da igreja e de outras organizações.

Alba ajuda também Miguel, combatente da guerrilha, a encontrar algumas armas que tinha escondido com o seu tio antes do golpe. Para despistar a polícia, utiliza como disfarce um passeio em um ônibus com algumas crianças. Mas o objetivo era levar Miguel até o esconderijo, depois ele e seus colegas pegariam o armamento. Em certo momento, Alba pede para se juntar à guerrilha:

- Não podemos ter uma pessoa sem treino neste momento. Muito menos uma mulher apaixonada - sorriu Miguel. - É melhor que tu continues cumprindo a tua tarefa. Há que ajudar estes pobres miúdos. até virem tempos melhores. - Pelo menos, diz-me como te posso encontrar. - Se a polícia te apanhar, o melhor é que não saibas nada - respondeu Miguel (ALLENDE, 2023, p. 412).

A reação de Miguel diz respeito a um pensamento machista que desconsidera a atuação das mulheres na luta armada. As que atuavam em alguma guerrilha, geralmente, eram colocadas em tarefas menores e muitas vezes para conseguirem algum respeito tinham que se vestir como homens e assumirem comportamentos considerados mais masculinos também, assim criticavam o uso de cosméticos e roupas consideradas muito “femininas”. Mas, para alguns, estava tudo bem terem várias mulheres porque os pobres coitados estavam na guerrilha (WOLFF, 2009).

Assim, os homens guerrilheiros podiam perder tudo em nome da revolução, mas nunca o gênero, e era reforçado o aspecto viril do homem guerrilheiro, espelhados em Che Guevara. Mas para as mulheres era diferente, deveriam reconstruir até o gênero. As presas e



torturadas percebiam o grande abismo entre elas e os homens, pois os seus corpos eram usados como forma de tortura (WOLFF, 2009).

Alba foi presa, por suspeita de envolvimento com a guerrilha: “Não sabe que sua neta é a puta de um guerrilheiro?” (ALLENDE, 2023, p. 416). Sendo uma das vítimas das torturas realizadas em mulheres, tendo o seu corpo violado e exposto a inúmeras violências:

-Tire a roupa! - ordenou García num tom de voz bem diferente. Ela não obedeceu. Despiram-na com violência, arrancando-lhe as calças apesar de seus pontapés (...) duas mãos ergueram-na, quatro a deitaram num catre metálico gelado, duro, cheio de porcas que feriram as costas, e amarraram seus tornozelos e pulsos com correios de couro (ALLENDE, 2023, p. 422)

As mulheres sofreram inúmeros castigos durante os interrogatórios e prisões, mas o regime militar institucionalizou uma forma de tortura específica para as mulheres, a violência sexual, que era uma forma de escravização sexual feminina. Em muitos casos, inseriram animais ou algum objeto nas suas genitálias. Objetivavam humilhá-las, arruiná-las moralmente e fisicamente, sendo destituídas dos espaços familiares, sociais e culturais. Nem as mulheres grávidas se livravam; as que foram estupradas e engravidaram não era permitido abortar, pois Pinochet proibiu qualquer forma de aborto (SANTOS, 2017).

4 CONCLUSÃO

Evidencia-se que, Isabel Allende conseguiu romper com as barreiras e silenciamentos impostos pela sociedade machista e sexista, em que durante muito tempo desprezaram a escrita feminina e as obras consumidas pelo público feminino. Criando vários estereótipos do que a mulher podia ler, sobre o que poderiam escrever, e quais espaços poderiam frequentar. Os movimentos feministas já conseguiram muitos espaços para que as mulheres possam atuar como sujeitos políticos, ativos e sociais. Sendo as escritoras das suas próprias histórias, e quebrando os rótulos impostos sobre elas.

O grande sucesso das obras de Isabel, mostra o público de leitoras que a sua voz e escrita conseguiram conquistar. As duas obras retratadas (*A Casa dos Espíritos* e *De Amor e de Sombra*), ambientadas em regimes repressivos e autoritários, trazem mulheres fortes, empoderadas, conscientes de sua condição na sociedade, mas não deixam isso ser um empecilho para mostrarem como se luta, como uma mulher. A ditadura de Pinochet tentou silenciar estas mulheres, adotando medidas conservadoras de como deveria ser uma boa esposa e mãe,



torturando-as de forma monstruosa. Mas, ainda assim, elas resistiram/ resistem: “Façam-nos calar vocês, se puderem, seus cornos; vejamos se se atrevem!” (ALLENDE, 2023, p. 440).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. Tradução de Carlos Martins. 61.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

ALLENDE, Isabel. **Mulheres de minha alma**. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

ALLENDE, Isabel. **Meu País Inventado**. Tradução de Mario Pontes. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ALLENDE, Isabel. **De amor e de sombra**. Tradução de Suely Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

ALVES, H.A.S.; SOARES, A.B.R. Fidel Castro e Salvador Allende: Relações políticas e institucionais do Caribe ao Cone Sul (1959-1972). **Trilhas da História**, São Paulo, v. 10, n. 20, p.111-136, jan./jul., 2021. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/issue/view/676>. Acesso em: 20 de abr. 2024.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n.1, p. 15–44, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18nesp1p15. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 10 maio. 2024.

GOMES, Iasmin do Prado. Neoliberalismo e institucionalidade em período de redemocratização no Chile: os discursos feministas em *Mensaje* (1983-1990). **Revista Espirales**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. p. 22–36, 2023. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/3883>. Acesso em: 28 mar. 2024.

HOLTON, G. E. L.; AUSTIN, R. Houve um holocausto chileno? Campos de concentração, genocídio político e a ditadura de Pinochet. **Tensões Mundiais**. [S. l.], v. 3, n. 4, p. 294–344, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/tensoesmundiais>. Acesso em: 01 out. 2023.

LE GUIN, Ursula. **Contar es escuchar: sobre la escritura, la lectura, la imaginación**. Madrid: Círculo de Tiza, 2018.



OLIVEIRA, Amanda da Silva. **A voz das mulheres na literatura contemporânea latino-americana**: possibilidades para a escrita do feminismo na América Latina. 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2018.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

POWER, Margaret. Conexões transnacionais entre as mulheres de direita: Brasil, Chile e Estados Unidos. **Varia Historia** (online), Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 67-83, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752000100004>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

SERRÃO, Raquel de Araújo. A hora e a vez do rosa no pós-Boom latino-americano: a ficcionalização da história sob a ótica feminina. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 103-118, marc./ jun. 2013. Disponível em: <http://200.145.201.15/index.php/Olhodagua/article/ew/182>. Acesso em: 20 de abr. 2024.

TOBAR, M.R.; CATALÁN, L.G.; CAVIEDES, E.G.; **Um nuevo silencio feminista?** La transformación de un movimiento social en el Chile posdictadura. Chile: Centro de Estudios de la Mujer, 2003.

VALDÉS, Teresa. **Las mujeres y la dictadura militar en Chile**. Chile: FLASCO, 1987.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLFF, Cristina Scheibe. Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). **História Unisinos**, v. 13, n.2, p. 124-130, mai./ago. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5798/579866833010.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2024.

COMO CITAR:

Bessa, M. D. de L. “Façam-nos calar vocês”: a luta das mulheres contra o autoritarismo em Isabel Allende. *Em Perspectiva*. v. 10, n. 1, p. 6-19, jun. 2024.

Artigo recebido em: 08 fevereiro de 2024.

Aprovado para publicação em: 26 de abril de 2024.